

Revista Genética na escola: análise das propostas de atividades didáticas (2006-2015)

Pechliye, M.M.* (1); Costa, A. P. P. (1); Santos, F.S. (2)

(1) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.

(2) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo,
campus São Roque
pechliye@mackenzie.br

Sabe-se que o processo de ensino-aprendizagem é complexo e relacionado ao contexto histórico e social de determinada época. Ainda hoje, uma das epistemologias, que dão base às práticas no cotidiano escolar, é a empirista, mesmo que a interacionista tenha destaque na literatura [1]. Dentro desse contexto, o ensino de genética pode se tornar problemático, visto que necessita de grande abstração e contextualização. Entende-se por contextualização o levantamento dos conhecimentos prévios, levando em conta o cotidiano dos alunos e provocando dúvidas a partir de situações-problema que contemplem conceitos, procedimentos e atitudes/valores [2, 3 e 4]. Pressupõe-se que aprender não é fixar ou memorizar informações e conhecimentos e, sim, reformular conhecimentos que fazem sentido e podem ser aplicados no cotidiano; para tanto, a participação ativa dos alunos é fundamental [5].

Este trabalho objetivou selecionar e analisar artigos da revista “Genética na Escola” (<http://www.geneticanaescola.com.br/>) que se referem a propostas de atividades didáticas (jogos, filmes, simulações, dramatizações etc.). Analisamos principalmente as concepções de aprendizagem a partir das atividades propostas. A análise foi feita de 2006 a 2015, em 20 volumes, totalizando 152 artigos.

Os principais resultados apontam que cerca de 80% dos artigos trazem propostas tradicionais que visam a fixar conhecimentos, não havendo exploração das abordagens educacionais, apenas citação de que o lúdico é importante. Com a nova linha editorial, a partir de 2012, houve pequena melhoria principalmente no que diz respeito à contextualização das atividades quanto a área educacional, mas isso é ainda incipiente. Para uma aprendizagem satisfatória, o método é bastante relevante; no entanto, sem contexto e sem a formação reflexiva adequada dos professores em relação às concepções de ciência, ensino e aprendizagem, concluímos que se torna difícil a mudança de uma visão empirista para uma interacionista.

Referências

- [1] CARVALHO, A. M. P. de. **Ensino de Ciências por Investigação**: condições para implementação em sala de aula. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- [2] KATO, D. S.; KAWASAKI, C. S. As concepções de contextualização do ensino em documentos curriculares oficiais e de professores de ciências. **Ciência & Educação**, v. 17, n. 1, p.35-50, 2011.
- [3] RICARDO, E. C. A Problematização e a Contextualização no Ensino das Ciências: acerca das ideias de Paulo Freire e Gérard Fourez. In: IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. **Anais e Resumos**. São Paulo, 2003, 12 p.
- [4] SANTOS, W. L. P. Contextualização no ensino de ciências por meio de temas CTS em uma perspectiva crítica. **Ciência & Ensino**. Ribeirão Preto, v.1, n. especial, 2007.
- [5] MAURI, T. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? In: COLL, C. MARTÍN, E.; MAURI, T.; MIRAS, M.; ONRUBIA, J. SOLÉ, I.; ZABALA, A. **O construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 2006. p.79-121.